

## Capítulo 36

### Menino Jesus



Sem a atenção prioritária à criança e, por tabela, ao adolescente, será vã qualquer tentativa de transformação da sociedade.

Que pensar de crianças nas ruas, ao relento, nas grandes cidades? Que pensar das crianças do sertão sem o que comer e sem o que beber? Que pensar das crianças do mundo inteiro sem esperança?

É muito duro observar, no quadro mundial, o desespero de milhares de crianças, para não dizer milhões, que vivem sem qualquer perspectiva na vida. Se ao menos tivessem uma assistência digna básica, mas nem isto têm. Que pensar, então, do futuro delas? Quando vemos nos morros, nos casebres, crianças soltas sem amparo social, sem atenção governamental, sem educação essencial, o que esperar delas?

Quando quisermos criar uma sociedade mais justa, próspera e em paz, devemos começar pela atenção às crianças, que representam o amanhã que desejamos. Se esquecemos a criança negligenciaremos o futuro. Por isso, afirmo: Sem a atenção prioritária à criança e, por tabela, ao adolescente, será vã qualquer tentativa de transformação da sociedade.

Quando vejo programas governamentais brasileiros preocupados em erradicar o trabalho infantil fico muito feliz. Há foco, pelo menos. No entanto, cadê as condições



fundamentais para se evitar isto? Pensam que com mingüados recursos consegue-se promover a revolução do bem. É alguma coisa, mas ainda guarda enorme distância diante das necessidades reais que defrontamos no dia-a-dia. Erradicar o trabalho infantil requer um envolvimento maior da sociedade, porque é necessário antes erradicar as necessidades básicas da família. Por que uma criança pede esmola na rua ou fica a lavar carros nos sinais? Ou mesmo está envolvida no corte da cana ou em trabalhos similares? Por necessidade, por pobreza absoluta. Não podemos imaginar, por mais interessante que seja a iniciativa, que os programas sociais federais, postos como estão, resolverão o problema na essência, quando muito representarão, o que já é bom, um alívio, um alento, mas não uma solução.

Quando os governos assinarem efetivamente um pacto pela não violência à criança e ao adolescente estarão, de fato, combatendo a dominação da violência no futuro. Não parece óbvio? Pois, então, e por que não se faz?

A criança e o adolescente representam a base de uma sociedade feliz. É impossível imaginar uma solução diferente hoje, se governos e instituições promotoras do bem e preocupadas com a criança não se juntarem numa grande cruzada de erradicação da pobreza. Não se quer aqui dar apenas um destaque especial, quer-se uma prioridade absoluta, uma conjunção de esforços, uma radicalização contra a pobreza e priorizando-se a formação integral de crianças, jovens e adolescentes. É assim que se muda uma sociedade. Enquanto esta decisão não for tomada, haveremos de ter resultados pontuais e esporádicos.

Os programas de transferência de renda são salutareos, sobretudo quando associados à educação e assistência integral, mas quando significa apenas uma obrigação na rotina governamental de nada tem valor. As crianças pobres merecem atenção diferenciada, porque as suas realidades são outras. O menino rico, que tem posses herdadas, sequer imagina, preocupado com seus jogos eletrônicos e seus cursos de idiomas, o que falta na mesa e no dia-a-dia de um outro menino que mora numa favela.

É revoltante ver tamanho disparate entre as duas realidades. Chega-se ao cúmulo da indignação. Não podemos aceitar, no começo do terceiro milênio, tamanha distância na realidade de crianças que são, em essência, as mesmas. Não queremos aqui igualar as condições, mas temos a obrigação de proporcionar as mesmíssimas oportunidades a ambas e isto não se constitui qualquer favor.

Por que os governantes, de maneira geral, não se indignam com tal situação? Certamente porque não saem dos seus confortáveis gabinetes para ver de perto a realidade social que é muito cruel. É impossível ficar indiferente, a menos que se tenha um coração de gelo, ver crianças nas calçadas, barrigas enormes, trocando figurinhas na miséria. É extremamente revoltante.

Meus queridos irmãos, Jesus nos ensinou que deveríamos cuidar de cada um dos nossos pequeninos como se a ele estivéssemos cuidando. Quando vejo crianças abandonadas, violentadas, maltratadas pela sorte, vejo, na verdade, é descuidarmos do Cristo, vejo é o esquecimento em cada um deles do menino Jesus.



Quem dera que víssemos na face dos meninos deserdados pela sorte a face do menino Jesus. E como se fosse dia de Natal, quem dera cada um de nós pudesse adotar como filho de verdade um menino Jesus que está sem pai; um menino Jesus que está abandonado na rua; um menino Jesus que está sem roupa e pede ajuda nos seus pensamentos de criança a Papai Noel.

Assumamos, meus queridos irmãos, a paternidade de Jesus. O menino Jesus está nas ruas e você, muitas vezes, passa por ele indiferente como a concordar que o seu destino é este mesmo. Não é. Ou pelo menos não deveria ser. É por demais doloroso saber que dizemos ter uma humanidade já civilizada, quando crianças do mundo inteiro ainda são ignoradas porque sequer, em muitos casos, são percebidas. São invisíveis aos olhos e aos sentimentos da sociedade.

Queira um dia que o menino Jesus, acompanhado das suas mães Marias e seus pais Josés, possam crescer todos felizes, porque possuem o mínimo para a sua sobrevivência que lhes dão dignidade para viver. Neste dia, certamente, o menino Jesus, crescendo amparado, haverá de tomar um outro rumo na sua vida, que não é aquele de carregar uma cruz interminável, e o que é pior, ser subtraído precocemente a esperança da vida, porque se não morre de fome, morre da violência que é induzido a praticar nos corredores dos tráficos de toda influência. Mais do que estradas de concreto, precisamos de escolas formadoras de homens e mulheres de bem. Mais do que arranha-céus gigantes, precisamos garantir um prato de comida e uma vida decente às nossas crianças e adolescentes, sem o qual

estaremos condenando o nosso menino Jesus a ser erradicado pela força da miséria e da desatenção social.

Acolha, meu irmão, o menino Jesus em sua vida para que a sociedade possa esperar dias melhores, dias de amor e felicidade reais.

Que Deus nos abençoe!